

Comunidade inaciana: amigos no Senhor

P. Adroaldo Palaoro S.J

“A Igreja ‘em saída’ é a comunidade de discípulos missionários que ‘primeiriam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam”

(Evangelii Gaudium, n.24)

O **individualismo** é um fenômeno complexo e ambíguo. Nele se concentram as bênçãos e as maldições da pós-modernidade. Por um lado, em sua origem, o **individualismo** carrega promessas que continuam configurando atualmente nossos desejos: liberdade, autonomia, independência, desenvolvimento do eu, felicidade do indivíduo... Por outro lado, o individualismo destrói o mundo comum dos vínculos sociais e não cumpre as promessas, deixando-nos num deserto de desenraizamento e solidão.

A promessa de “indivíduo crescente” se converteu em “indivíduo minguante”. O “eu”, seguro de suas possibilidades, se converteu em um “eu mínimo” que busca somente “sobreviver”.

Compreendemos a nós mesmos como indivíduos que decidem livremente; no entanto, nos encontramos submetidos, queiramos ou não, a todo tipo de dependências e obrigações que não elegemos.

Diante da insegurança de ficarmos sozinhos em nossa própria capacidade de juízo, olhamos para ver o que fazem e pensam os outros; com isso, nos fazemos mais dependentes da opinião pública em relação com o que se deve pensar, o que se deve fazer, o que se deve ver, o que se deve comprar...

Resultado: o indivíduo autônomo, auto-suficiente e buscador de felicidade, que se concebia a si mesmo sem necessidade dos outros e acreditava ter seu destino em suas próprias mãos, viu-se mais frágil e limitado do que pensava. Emancipado da tradição, do costume e dos antepassados, foi ficando sem raízes, centrando-se em si mesmo e fechando-se na solidão de seu próprio coração.

Aquele que queria ser único e centrado sobre si mesmo, se converteu em **massa anônima**. A solidão desenraizada e desolada, características das massas deste contexto pós-moderno, não é a fecunda e plenificante solidão do monge ou do filósofo, senão uma solidão que afasta as pessoas de seus semelhantes, de si mesmas e de Deus; uma solidão que se traduz em

fragilidade e impotência extrema nos indivíduos, ferindo-os em sua existência pela falta de sentido em tudo o que fazem.

As pessoas continuam se movendo entre uma onipotência e uma impotência que não são humanas e continuam sendo convertidas em engrenagens de uma máquina acelerada que as usa e as coisifica.

Uma experiência que nos revela esta situação e que, infelizmente, vai se fazendo cotidiana é a do “stress”, cujo resultado é a solidão que arrasa a interioridade, que incapacita para pensar e experimentar, e que produz uma sensação de superfluidade.

O problema espiritual do **individualismo** não está no fato de que os bens buscados – liberdade, felicidade, autonomia, pensamento próprio – sejam maus, senão no **modo** de buscá-los: o indivíduo se absolutiza a si mesmo e se converte em sua única referência.

O desejo de “ser filho de si mesmo” configura um sujeito espiritual problemático. Para um sujeito auto-criado, auto-justificado e auto-salvado, ficam sobrando Deus, Cristo, os outros e a comunidade.

Ele se conformará com vagas formas de espiritualidade portadoras de bem-estar emocional, sustento para manter os ideais sobre si mesmo. No contexto do individualismo, o interesse por Deus, pelo outro e pela espiritualidade não se perde. No entanto, a solicitude pelo outro ou a relação com Deus se mantém como interesses do **eu**. Para o indivíduo pós-moderno, tudo, inclusive aquilo que é mais sagrado, pode conver-ter-se em objeto de preferência pessoal.

Faz-se necessária, portanto, uma busca pessoal, uma experiência espiritual personalizada, não isolada, pois é em **comunidade** que compartilhamos um sentido para a vida e onde as experiências podem ser lidas, interpretadas, compreendidas, expressadas e celebradas.

Há um modo pessoal e único de Deus se dirigir a cada um, e um dom particular que foi dado a cada um para o bem de todos. Uma fé personalizada que nos fará **eclesiais e fraternos**.

Apaixonado por Deus e pela atuação d’Ele no coração das pessoas, S. Inácio sonhou em fazer os outros participarem plenamente deste **amor**, pelo qual se deixou invadir por inteiro, aceitando caminhar longamente com cada um, para que, ao final, abrisse o coração à **ação** de Deus.

A exemplo de Jesus que forma seus doze apóstolos e os envia a evangelizar, S. Inácio emprega todos os esforços para constituir uma **comunidade** de ideal e de missão.

O fundamento é que Deus Criador é **Amor Trinitário**, é comunhão de **Pessoas** (Pai-Filho-Espírito Santo). Como criaturas, fomos atingidos pela marca **trinitária** de Deus.

Como homem e como mulher, trazemos esta **força** interior que nos faz “**sair de nós mesmos**” e criar laços, fortalecer a comunhão...

O ser humano não é feito para viver só; ele necessita **con-viver, viver-com-os-outros**.

A **fraternidade**, a **vida em comum** se mede pelo amor, por atos e gestos de doação, por vivências de comunhão, por experiências reais de partilha...

O ser humano é um ser constitutivamente **aberto**, essencialmente em referência a outras pessoas: estabelece com os outros uma interação, entrelaça-se com eles, e forma um **nós**: a **comunidade**.

As duas realidades – **pessoa** e **comunidade** – não se opõem, mas se condicionam e se complementam.

“A **pessoa** faz a **comunidade** e a **comunidade** faz a **pessoa**”

O sentido da **vida em comum** é um dom de Deus, que nos foi dado a todos.

O sentido do termo **comunidade** nasce da experiência profunda e radical da vocação cristã, à qual foram chamados os seus membros pelo batismo. A **comunidade** é uma experiência concreta de unidade no **amor** e na **ação**; ela será o sacramento do amor de Cristo a todos os seus membros.

A **comunidade inaciana** é uma comunidade que vive o espírito dos Exercícios, para buscar e encontrar a Vontade de Deus na missão (serviço); ela é o espaço adequado para chegar a personalizar a **fé** e a vivê-la em con-vocação e co-responsabilidade com os outros; ela é o **lugar** extremamente válido para a forma-ção, na espiritualidade inaciana, de cristãos comprometidos com sua fé e com a evangelização de seu meio.

A personalidade **inaciana** tem que ser também promotora de “**corpo**” – que para S. Inácio é a experiência da **comunidade**.

Uma pessoa inaciana não é uma “**personalidade isolada**” mas aberta à comunhão e partilha com outros.

Uma **comunidade inaciana** não é um fim em si mesma. Ela deve ser comunidade aberta, apostólica, reunir para o serviço todos os que, nas pegadas de Inácio, querem unir-se para trabalhar com Jesus.

Uma **comunidade inaciana** é uma comunidade “**conspiratória**”.

- **Conspiração**, palavra bonita de origens esquecidas.
- **Conspirar, com-inspirar, respirar com alguém, juntos.**
- **Conspiradores**: respiram o mesmo ar, o mesmo sonho, a mesma utopia do Reino.

É esta a origem e a finalidade de cada **comunidade** inaciana: ser companheiros de Jesus na sua missão, associar-se para responder melhor ao chamado do Rei Eterno, viver como comunidade de apóstolos no mundo.

O caráter **apostólico**, o senso de **universalidade** e o enfoque **eclesial**, tão característicos da tradição inaciana, pedem uma expressão **comunitária** que, mesmo respeitando o princípio da encarnação em realidades concretas e diversas, abre a pessoa para a complexidade dos problemas do mundo e da Igreja, impulsionando-a a ultrapassar os limites geográficos, afetivos, ideológicos, sociais, de idade...

O gesto de Jesus no lava-pés (Jo. 13,1-21) acena para o tipo de **diaconia** (serviço) que devemos exercer. Primeiro, sair do nosso lugar, despojar-nos das próprias vestes, vestir o avental e descer até os pés dos irmãos e irmãs. Pés calejados pela caminhada da vida, feridos, maltratados e cansados.

A qualidade de nossa vida cristã será “medida” pela qualidade de nossas **relações**. Hoje, mais do que nunca, a evangelização se faz pelo contato entre as pessoas, pela nossa presença e transparência do Deus apaixonado pelas suas criaturas.

Um paradoxo da pós-modernidade: enquanto a tecnologia nos permite aumentar nossos conhecimentos de lugares e pessoas tão distantes de nós, ao mesmo tempo cresce o **medo do “outro”**, daquele que é di-ferente de nós, daquele que não pertence à nossa raça, religião, cultura...

Uma das fronteiras que nos desafia hoje é a **universalidade**, em sentido inaciano de amplitude de pertença e ampla de preocupações e responsabilidades.

A mística inaciana dá um destaque à **universalidade** ao acentuar a urgência de uma perspectiva universal que nos permita **olhar** mais além de nossas estreitas preocupações e tímidas ações.

Concretamente: **quê poderia significar esta fronteira de universalidade?**

Em **primeiro lugar**, como fruto da experiência dos Exercícios, as pessoas deveriam ter um sentido de responsabilidade mais amplo que aquele que reina em suas famílias, classe social...

Homens e mulheres cujos corações se universalizam e se dilatam de tal maneira que sentem compaixão pelos pobres e pelos excluídos.

Em **segundo lugar**, os Exercícios Espirituais ajudam a romper nosso estreito sentido de pertença a um grupo particular (religião, movimento...) Qual é o **impacto** da nossa espiritualidade nas políticas públicas (educação, administração, saúde, moradia...).